ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Nº 14
2ª SERIE
Candido
Director
Carlos
Malheiro Dias
EMPREZA
DO
JORNAL
O SECULO

# Illustração Portugueza

**Director—Carlos Malheiro Dias**

EDIÇÃO SEMANAL

## EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

**Condições de assignatura**

Portugal, colonias e Hespanha

| | |
|---|---|
| Anno | 4$800 |
| Semestre | 2$400 |
| Trimestre | 1$200 |

**Assignatura extraordinaria**

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

| | | | |
|---|---|---|---|
| Anno | 8$000 | Trimestre | 2$000 |
| Semestre | 4$000 | Mez (em Lisboa) | 700 |

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

(CONTINUADO DO N.º 13)

—Engana-se redondamente. Além de estarem, agora, preparados para a hypothese, os hespanhoes tiveram sempre a sua raia terrestre, além dos carabineiros, sufficientemente guranecida de tropas regulares. Veja, no sul, Badajoz: em effectivos reaes, a guarnição d'esta pequena cidade regula normalmente por metade da guarnição de Lisboa. E, junto á fronteira da Beira Alta, teem elles em Ciudad-Rodrigo, Salamanca e Coria, em uma judiciosa série de pequenos destacamentos distribuidos parallelamente á raia, desde Pedro Alves á Frejeneda, cêrca de oito mil homens. Declarada a guerra triplicavam, aproximavam-se de trinta mil. E' um facto incontestavel.

©

A medida como ia ouvindo, eu, com uma fria retracção de patriotico despeito, triste e sob um vago receio, sentia a curiosidade progressivamente estimulada.

—Agora,—tornava o meu interlocutor,—repare tambem o meu amigo que elles teem cavallaria a valer; que a sua artilharia de campanha foi, não sei se toda, mas uma boa parte, renovada ha sete annos; ao passo que nós, na alludida região fronteiriça, apenas podemos realmente contar, de prompto, com o regimento n.º 2, aquartelado longe, na Figueira e em Alcobaça, e municiado com material Krupp de 9 cc., todo bem antigo.

—Mas nós adquirimos artilharia nova.

—Sim, do typo Schneider-Canet; mas apenas ha ahi ainda duas baterias, para experiencias, distribuidas ao regimento de artilharia 1.

—E artilharia de montanha, não ha na Beira?

—Era racional que houvesse, mas não ha.

—E tropas de engenharia?

—Apenas duas companhias de sapadores-mineiros, mas... no papel. Tudo isto tinha que ir tambem de Lisboa.

Vinte e quatro horas depois, as tro, as acham-se formadas nos terrenos do Hippodromo

—Completamente desprovidos então para uma eventualidade imprevista?

—Infelizmente, meu caro! — disse melancholico o militar. E atirando longe o lapis, n'um energico arranco de tédio: —Já antevê as consequencias... quer que fiquemos por aqui?

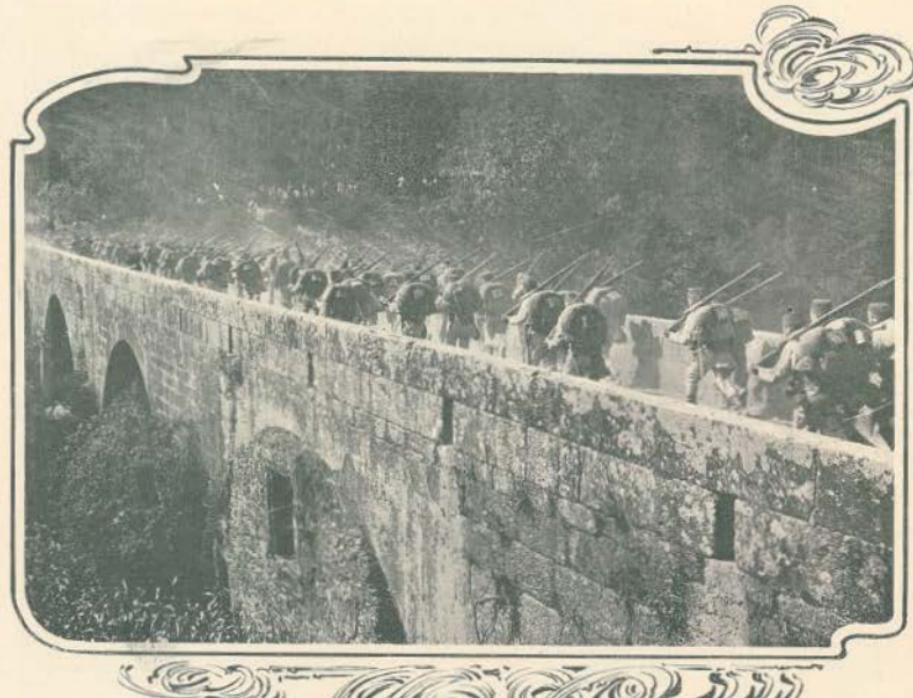
—Não! não! já agora, vamos a vêr... Alguma coisa havemos de ter a nosso favor n'essa desegualissima lucta. Os nossos officiaes, além de valentes, são activos e sabedores; o nosso soldado tem nervos de aço, é corajoso, sobrio, e prima em saber affrontar heroicamente a morte! Que diabo! ainda não haviamos de succumbir logo assim.

O venerando velho sorriu, teve para mim um olhar de piedade, e então, retomando o lapis e voltando ao seu estribilho:

—Bem, então, oiça... No dia seguinte ao do conhecimento em Lisboa da nossa ruptura violenta de relações com a Hespanha, aqui a incerteza, o tumulto, a agitação continuam. As tropas estão de prevenção. No ministerio da guerra, direcções geraes, telephone e telegrapho, o pessoal é inseparavel dos apparelhos e das carteiras. O publico, desorientado e apprehensivo, n'um panico instinctivo, busca informações por toda a parte. Mas a confusão das noticias e dos despachos é enorme. Repito, ninguem se entende. Entretanto, tem sido nomeado para commandar o corpo de exercito do norte, o commandante da divisão do Porto, general Almeida Cibrão. E' um velho e valente militar, disciplinador e integro, bello typo de *sabrear*, ajudante de campo e pessoa da confiança do Rei, já uma vez indigitado para ministro da guerra. E para commandante da divisão destinada a manobrar na fronteira, é nomeado o general commandante da 2.ª divisão, general Almeida Pinheiro. A direcção do estado maior destaca logo para junto d'elles os officiaes requeridos; e preparam-se apressadamente aqui, nos quarteis e nos arsenaes, os contingentes que da capital era forçoso que seguissem para a fronteira. De cavallaria, vae um esquadrão do 2 e outro do 4, até vêr... De engenharia, uma companhia de sapadores e secções das companhias de telegraphistas, pontes e de caminhos de ferro. De artilharia, uma das baterias do grupo a cavallo. Isto afóra os obrigados destacamentos de gente para os serviços administrativos e de saude, e pessoal da manutenção, etc.

«Todas estas forças se aprestam com garbo e enthusiasmo. Vinte e quatro horas depois da ordem para a sua marcha, acham-se ellas formadas, em parada, nos terrenos do Hippodromo. E' meio dia: a manhã, apezar de estival, conserva-se brumosa e triste, e o sol vela-se n'um lutuoso manto de nevoa, como que angustiado de incerteza... Comtudo, a multidão, que á devida distancia rodeia as tropas, parece de antemão confiada no bom exito das nossas armas e nas excepcionaes qualidades do nosso soldado. Enthusiasma-a sobretudo a artilharia, aquella brilhante artilharia a cavallo, que causou a admiração do imperador Guilherme e fez ha tres annos uma marcha de resistencia que marcou época. Vae com-

Mas, subito, um clarim sopra o signal de «Sentido»...!

E' El-Rei que chega, com um luzido estado-maior, e vem passar revista ás forças...

mandada a bateria pelo bravo capitão Mendonça, um rijo temperamento de meridional e um profissional de respeito.

«Mas, subito, um clarim sopra o signal de «Sentido!» e a seguir as musicas entoam o hymno nacional. E' El-Rei que chega, com um luzido estado maior, e vem passar revista ás forças. Traz á direita o Principe Real e á esquerda o Senhor Infante D. Affonso; depois o ministro da guerra. Na comitiva, lá vem depois dos officiaes generaes, o major Vasconcellos Lobo, commandante da artilharia a cavallo. A multidão acclama o Rei com significativo ardor, com uma ancia e um fervor que é como que um supplicante appello á Victoria. O Rei passa a galope, magestoso e impassivel, soberbamente montado, com a fria austeridade do dever cumprido. Finda a revista, vae postar-se no ponto de continencia, e então desfilam-lhe pela frente marcialmente os contingentes. E, ao passar a cavallaria, o Principe sahe de ao pé do Rei, avança e segue com ella, segue com a sua arma, no logar que lhe compete. Fôra resolvido que Sua Alteza Real seguisse tambem para o theatro de operações, onde o Senhor D. Luiz Filippe ia gostosamente demandar o seu baptismo de fogo. Ao vêl-o, assim, garboso e varonil, prompto a sacrificar-se pelo seu paiz e a marchar para o perigo, a multidão dos assistentes acclamou-o com palmas,

De infantaria 12 marchou logo um batalhão com destino ao Sabugal...

victoriou-o estrepitosamente, saudou-o com delirio. E até n'esse momento o sol, querendo fazer côro, lá do alto, com o sentir geral, desannuviou e veiu aquecer ao Principe, n'uma luz de esperança, os seus olhos de sonho, os seus cabellos de oiro...

Aqui o velho general interrompe-se, e gravemente:

— Mas eu estou fazendo poesia, mau! quando o assumpto, afinal, é muito real e muito sério. Bem, vamos lá a continuar... Das forças constituindo a divisão de operações na fronteira, o regimento de infantaria 12, distribuido pela Guarda e Pinhel, era das nossas forças a pé a mais proxima da fronteira. Não a alcança entretanto senão á custa d'um dia de marcha, emquanto as avançadas hespanholas, distribuidas de antemão por Gallegos e immediações, alcançal-ahiam em poucas horas. Vê?... Nova e enorme vantagem.

— Quer dizer que chegam primeiro?

— Indubitavelmente! O planalto que se estende entre o Sabugal e o Douro prestava-se admiravelmente a ser vigiado e batido pela cavallaria de Almeida (o regimento 7), se essa cavallaria fôsse o que devia ser: um regimento e não um esqueleto! Breve e fatalmente, os hespanhoes vão entrar

no nosso paiz, sem nenhuma ordem de entrave sério.

— Mas que disposições tomamos nós?

— Eu lhe digo: presumivelmente succederia o seguinte:—O general Almeida Pinheiro vem installar o seu quartel-general na cidade da Guarda, d'onde apressadamente transmitte ordens para a concentração da sua divisão, e a marcha immediata de dois batalhões do 12 e um do 21, para guarnecerem a raia. A falta de organisação dos tão preconisados destacamentos de fronteira, especialmente em paizes nas condições do nosso, obriga a este expediente violento, desorganisando logo de entrada a cohesão estrategica das forças sob o commando d'aquelle general, e para não dar afinal, conforme vamos vêr, o resultado appetecido.

«O 12 marchou logo: um batalhão tendo por objectivo o Sabugal e outro Villar Formoso. Mas o batalhão do 21, que seria reserva, é que não ha meio de chegar! Inquirem-se os motivos e então chegam á Guarda noticias inquietantes. Na Covilhã, afamado centro de actividade industrial, que

Na travessia morosa para a fronteira o povo sahia ao encontro das tropas...

Um official que affronta corajoso a onda, querendo restabelecer a disciplina, é logo morto a tiro...

o chamamento ás fileiras ia affectar gravemente, roubando-lhe um grande numero de braços, estalára de repente um pronunciado movimento contra a guerra. De noite, inesperadamente, um grosso turbilhão de povo, homens e mulheres, percorre tumultuario as ruas, gritando morras! ao governo, desfraldando bandeiras negras e soltando pragas de envolta com orações. É imponente o convulsivo desfilar d'essa turbamulta de rôtos, prégando clamorosamente a paz, ao mesmo tempo açulados por socialistas e capitaneados por fanaticos. Um official que afronta corajoso a onda, querendo restabelecer a disciplina, é logo morto a tiro. A manifestação é de tal ordem, que ante a sua assustadora imponencia, as auctoridades locaes telegrapham para a Guarda e Lisboa a sua impotencia.

A cavallaria hespanhola invadira logo o planalto...

«Em Lisboa, a noticia cae de chofre, como uma bomba, no conselho de generaes que se achava manuseando memorias do estado maior e pareceres da commissão superior de guerra, para elaborar o plano de campanha. Na Guarda, o commandante da divisão recebe tambem de chofre a noticia, quando, na parada do quartel do 12, assistia á improvisação dos fornos de campanha preparados para a manipulação de pão ás tropas, e estava prompto para montar a cavallo e ir aguardar a chegada do contingente de Lisboa, que d'ali a meia hora devia estar, em baixo, na *gare* do caminho de ferro.

«Entretanto, *tant bien que mal*, os dois batalhões do 12 iam avançando. Na sua travessia morosa pelas aldeias, a população sahia-lhes ao caminho, e, com uma espontaneidade captivante, offerecia-lhes viveres, bebidas, animaes de tracção e vehiculos de toda a sorte. Assim, os officiaes nem tinham o trabalho de for-

A brigada hespanhola poude tranquillamente avançar n'um terreno eminentemente favoravel...

mul:r as suas requisições. Adivinhava-lhes carinhosamente as precisões, e suppria-lhes generosamente as faltas, o desvelado impulso do patriotismo nacional.

— Muito bem! muito bem!

— Muito mal, digo eu... porque esses bravos homens são forçados a retroceder, com grandes perdas e depois de attingidos muito antes de chegarem ao seu objectivo. Quer vêr?... A cavallaria hespanhola invadira logo o planalto, e, a coberto d'ella, uma brigada mixta concentrou-se a leste de Villar-Formoso. Traziam em mira a posse immediata do caminho de ferro. Felizmente para nós, n'aquelle momento, dois officiaes do nosso estado maior, que haviam partido da Guarda, em reconhecimento sobre a fronteira, tiveram a arrojada e feliz iniciativa de fazer saltar o grande viaducto da linha ferrea, sobre o Côa, que tinha fornilhos adrede preparados para isso. Foi um obstaculo grande para o invasor, sem duvida; mas não para elle insuperavel, mórmente no verão — e é a nossa hypothese, — porque mesmo cêrca da ponte destruida, entre Castello-Mendo e S. Caetano, o rio Côa é vadeavel em varios pontos. Quer vêr?

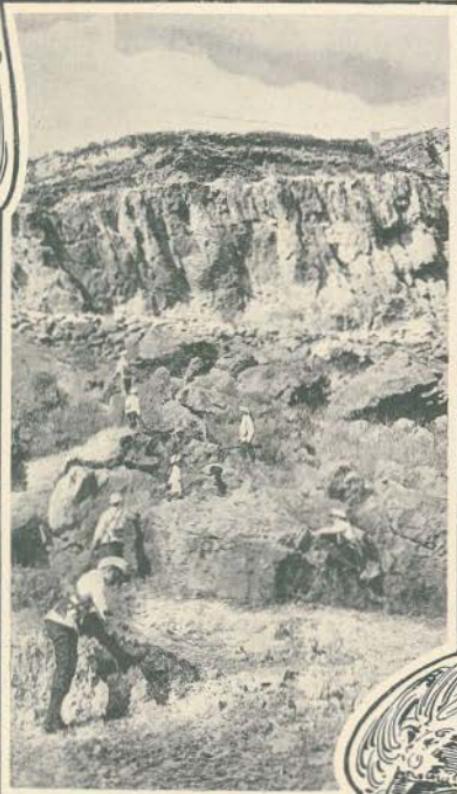
E pacientemente exemplificava sobre a carta. Continuando sempre:

— De sorte que, já vê o meu amigo, fatalmente os hespanhoes antecediam-nos. Não lograriam apoderar-se, logo de entrada, da via ferrea, o que teria sido um formal desastre; mas, seguindo logo pelas vias ordinarias, é evidente que viriam já para oeste do Côa, e transposto este fôsso natural, defrontar-se com as tropas de defeza, pouco avançadas ainda em relação á Guarda, e estas mesmas só na força de dois batalhões de infantaria, pois que o escasso esquadrão de cavallaria, que se conseguira reunir em Almeida, retirára logo para sudoeste, batido por forças superiores e após uma ligeira escaramuça.

J. R.

*(Continúa)*

Os carabineiros escalando as alturas da Senhora do Monte

Um destacamento de carabineiros na raia

# As Maravilhosas Grutas de Vimioso

Gruta de alabastro da Abelheira

«Ao Club Transmontano de Lisboa»

A Terra guarda no seu intimo incalculaveis riquezas!

Se as grandes florestas com as suas calmas solidões nos dão prazer; se o mar gigante com as suas ondas sonoras provoca enthusiasmos; e as montanhas colossaes, ao vencermos os seus pincaros agrestes, nos fazem soltar phrases de admiração—o mundo subterraneo, com as esplendidas maravilhas dos thesouros, arranca-nos a cada exploração intimos e reverentes signaes de admiração, filhos d'um pantheismo indescriptivel.

É bella, sem duvida, a arvore com as suas folhas tenras, o rio com a limpidez crystalina das aguas e o ceu com o formoso anil onde fulge glorioso o sol d'oiro; mas palacios de fadas que sob a terra se formaram, verdadeiros templos da Natureza creadora, com o rico explendor da sua decoração phantastica, despertam, grandiosos e cheios de mysterio, nos nossos sentidos, ávidos sonhos d'ideal, vivas imaginações do ceu e claras alvoradas de fortes emoções.

Familia mirandeza
(CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE)

Nós, Portuguezes, não precisámos de atravessar os vastos mares até á livre America para vêr a celebrada caverna Mamouth, ou ir até á Austria distante para admirar os explendores sublimes d'Adelberg com os seus attractivos commoventes ou até á intellectual França visitar o Pardiac ou Dargilan, porventura a mais bella caverna do mundo;—no nosso pequeno paiz ha bellas grutas, cheias d'attractivos, todas um encanto, em Traz-os-Montes, n'essa quasi abandonada provincia que possue, além dos mais preciosos vinhos do Universo e da raça mais forte de portuguezes, uma verdadeira montanha de ferro, de muitas leguas d'extensão.

Provincia querida, de rude aspecto nos seus alcantis poderosos, inviolavel e santa nos thesouros que avára e cuidadosamente encerra nas suas entranhas, quasi ninguem a protege, quasi ninguem a conhece, parecendo não pertencer mesmo a Portugal.

Pedreira de marmore branco — Quinta de Santo Adrião
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

Mas é bella! Tem-se a impressão d'um paiz dantesco sequestrado ao mundo que só o conheço do desoladissimo valle do Douro pelo caminho de ferro, serpenteando algares que se despenham quasi a prumo no rio sinistro. Milhares de povoados ficam para o norte; montes e montes se sobrepõem uns aos outros, cada vez mais inhospitos, por acaso só cortados d'estradas ingremes por onde sobem vagarosamente ante-diluvianas mala-postas; terra de patriarchaes costumes e onde se fala para o pé da raia o «mirandez» inintelligivel; com enormes tratos de «baldios» susceptiveis de cultivo—mais parece a Africa antiga, dos tempos negros da escravatura, quando só para lá iam degredados!

Além do caminho de ferro, verdadeiramente alpino, desvendando a provincia até Mirandella, o resto dos districtos transmontanos ainda dorme agora o somno profundo do desconhecido, guardando as suas riquezas mal desvendadas, mas nem por isso de menor valor intrinseco.

As joias mais bellas, mais finas, do maior quilate que possue são indubitavelmente as formosissimas Grutas do Vimioso, cavernas preciosissimas que só por si constituem enorme valor artistico e economico, tanto mais que nasceram no meio d'um prodigioso jazigo de marmore de muitos kilometros e cuja valorisação é computada em mais de *mil contos de réis*.

Gruta Grande — Franjas stalagmiticas
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

Sob o ponto de vista geologico, as grutas conteem em si, na filigrana dos seus delicados estalactites ou no chão dos seus irregulares pavimentos, alabastro macio como o arminho e mais branco que o niveo collo da mulher mais linda! Se formos buscar á neve a côr, aos «cumulos» o tom, á açucena a pureza e o brilho aos espelhos, assim

Quinta de Santo Adrião — Centro dos jazigos de marmore e alabastro de Vimioso e Miranda do Douro
CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

Gruta Grande de alabastro—Columna e franjados stalactiticos—Leito de alabastro stalagmitico

CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE

Pedreira de marmore branco — Quinta de Santo Adrião
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

idealisaremos, flagrantes, os aspectos fixos do «calcareo concrecionado stalagmitico» que forma a invejavel riqueza e o deposito sagrado das grutas. E estão descobertos cinco d'esses feericos palacios mais valiosos que as cathedraes que o homem construiu, explendidos museus da Natureza sublime, colossaes e surprehendentes! Foi a agua, esse artista subtil e paciente, que as formou! Foi esse liquido elemento que teceu taes estupendos prodigios que chocam o nosso olhar para nunca mais esquecer! Cada gotta d'agua, verdadeira lagrima da Natureza, ao infiltrar-se atravez a massa calcarea, arrasta-a comsigo e, ao cahir, deixa-a ficar ligada á pedra, n'uma amisade cohesiva. A seguir a esta, outra gotta, como nos supplicios da Inquisição!... É assim que se formam as delicadas e primorosas estalactites. Mas, as mesmas gottas ao cahirem ainda levam comsigo particulas calcareas; são ellas que se erguem do chão, elevando as suas finissimas agulhas estalagmiticas para as abobadas, semeadas d'estrellas de crystal.

Pedreiras de marmore branco — Blocos já desbastadas
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

Com os annos, com os seculos, formam-se pilares esbeltos e frageis, constroem-se columnatas extranhas nas feericas moradas subterraneas e que, umas vezes, se estrangulam, outras se desdobram em caprichos architectonicos symbolicos e formidaveis.

Entremos na «Gruta Grande». Bem illuminada como o leitor a tem nas soberbas photographias que acompanham este artigo, é um espectaculo unico que nos vem impressionar a retina sedenta, como se trouxessemos na mão a lampada maravilhosa d'Aladino! Uns tiram o chapeu, outros curvam-se de joelhos; todos, porém, ficam mudos e se tornam estupefactos. É que as grandes commoções tolhem-nos, absorvem os nossos sentidos, hyperstesiando-nos n'um doce enervamento, e o homem como que fica aphasico, attonito e preso!

Nenhum ruido perturba o silencio magestoso d'esta desconhecida magnificencia natural. A luz, filtrando-se através das massas alabastrinas, ou reflectindo-se á sua superficie, provoca effeitos phantasticos e surprehendentes. A ausencia n'uma vasta extensão de columnas estalagmiticas dá á gruta

Terras de Miranda — A caminho das pedreiras — Fonte em Pradogatão
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

um aspecto original; o tecto parece suspenso... e só na camara sul é que as formações estalagmiticas produzem a mais scintillante das magias. Se a luz se apaga e rouba o deslumbramento, a treva formada provoca-nos commoções profundas e vem-nos á idéa immediatamente voltar a pedir á lampada querida a visão sublime que nos faz ter ao nosso alcance os phantasmagoricos palacios das «Mil e uma Noites» encantadores á phantasia do nosso sentimento meridional e peninsular.

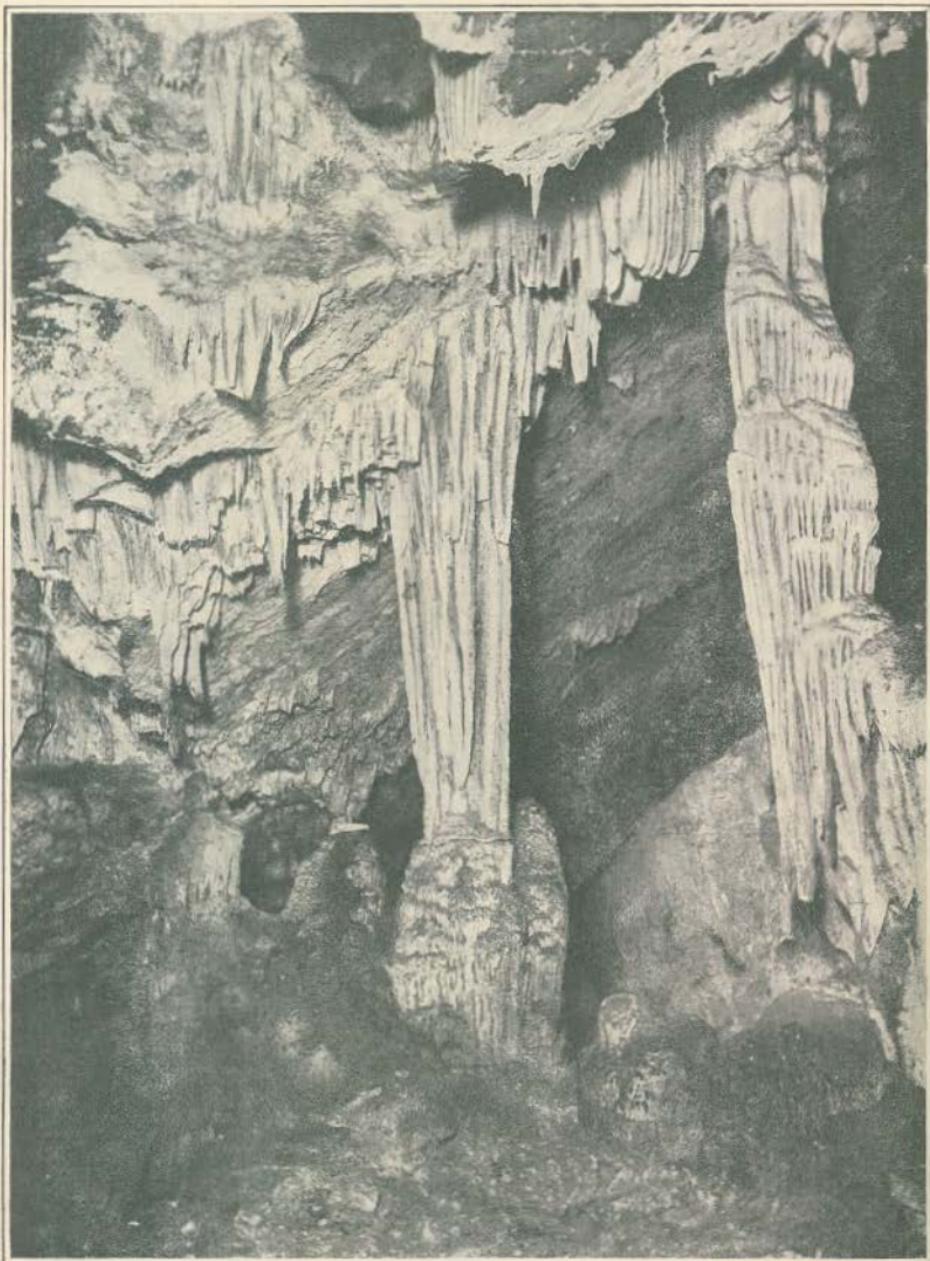
As outras grutas não deixam de ter interesse, se bem que de menos importancia. A do «Ferreiros» tem uma fórma de galeria caprichosa de piso desegual com grande espessura d'alabastro; na da «Ribeira» parece ter havido grandes desabamentos; na de «Geraldes», situada no morro do mesmo nome, ha pequena formação alabastrina; é porém, na d'«Abelheira», ultimamente descoberta, que mais se notam os feixes maravilhosos de concreções calcareas que os nossos pés desagregam e quebram ao passar até. Todas estas grutas, verdadeiros trabalhos d'esculptor no intimo das riquissimas serras de marmore de Santo Adrião, nos concelhos do Vimioso e Miranda do Douro, parece que

Exploração de alabastro na Gruta de Ferreiros
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

se deviam ter ligado entre si e, dizem os technicos, que talvez possam ter communicação com outras anfractuosidades que a natureza reserva carinhosamente para futuras descobertas.

Se os alabastros orientaes que se teem extrahido das grutas possuem valor tão grande como os ricos e preciosos «onyxs» do Mexico ou como os carissimos especimens de Roma ou do Egypto que apresentam tonalidades dos mais preciosos qualificativos; os marmores, pela sua grande e variada belleza, não teem menos caracteres typicos de importancia geologica que os celebres materiaes

No planalto de Miranda, entre 700 e 800m de d'altitude [Caminho das pedreiras de Santo Adrião]
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

Alabastros—Columnas e franjados stalacticos—Centro de exploração dos jazigos de marmore e alabastro de Vimioso e Miranda do Douro

[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE

similares gregos de Pentelico ou de Massa, Saravezza ou Carrara na Italia.

Mas quanta variedade de marmore! Azul com grandes venações mais carregadas, anilado com venação azul intensa, branco mais ou menos puro, cinzento com manchas brancas, amarello de tons quentes e delicados, negro finamente raiado de branco, etc.

Que valiosa serie de côres para a paleta d'um pintor! Que formosissimos exemplares para a estatuaria, arte pela qual o homem mais se nobilita, e para a architectura dos palacios opulentos das grandes cidades! Todos os marmores de Santo Adrião possuem alliados ao mais excepcional brilho e á mais fina granulação a translucidez do vidro e a homogeneidade das aguas.

Trajo caracteristico de Miranda — Capa de honra, jaleca, calção, polainas de burel e gorra
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

Estes notabilissimos jazigos que formariam de ha muito, para qualquer nação, importante industria lucrativa, sem deixarem de ter interesse sob o ponto de vista da «speleologia», a sciencia das cavernas, depois de terem absorvido dezenas de contos de réis, não estão presentemente em exploração. Ficam tão longe, teem tão difficeis e distantes communicações que ainda assim quem quizer lá ir tem de dar uma volta de comboio por Hespanha até Zamora, peregrinação essa que depois tem de ser continuada ainda em parte no chouto incommodo d'um macho com albardão, o que põe os ossos n'um mólho e os rins n'um figo!...

Felizmente que anda em construcção o caminho de ferro do Pocinho até Miranda do Douro, notavel cidade arredada do resto da nação onde se usam as celebres capas «Honras de Miranda», trajo unico entre nós.

Outro aspecto das enormes pedreiras de marmore da Quinta de Santo Adrião
[CLICHÉ DE ALVARO REBELLO VALENTE]

Não demora muito que os jazigos do Vimioso sejam accessiveis; aconselhamos ao leitor para essa epoca a excursão, tanto mais que o actual concessionario, o sr. Alvaro Rebello Valente, é gentilissimo de trato como primoroso de caracter.

Região longinqua, Traz-os-Montes, esforçado e tenaz, continuará sempre a ser a provincia mais forte e de maiores riquezas, como tem sido o berço de muitas individualidades notaveis na politica, na arte, na sciencia, que beberam na agua das suas fontes e que aspiraram no ar das suas serranias a coragem, a persistencia e o amor patrio que as distinguem, desvendando assim ao Paiz a preciosidade dos seus caracteres tão brilhantes como são os finos marmores e tão claros e bellos como os surprehendentes alabastros das formosissimas Grutas do Vimioso.

AMILCAR DE SOUZA.

## VIII — TORRE DE GOMARIZ

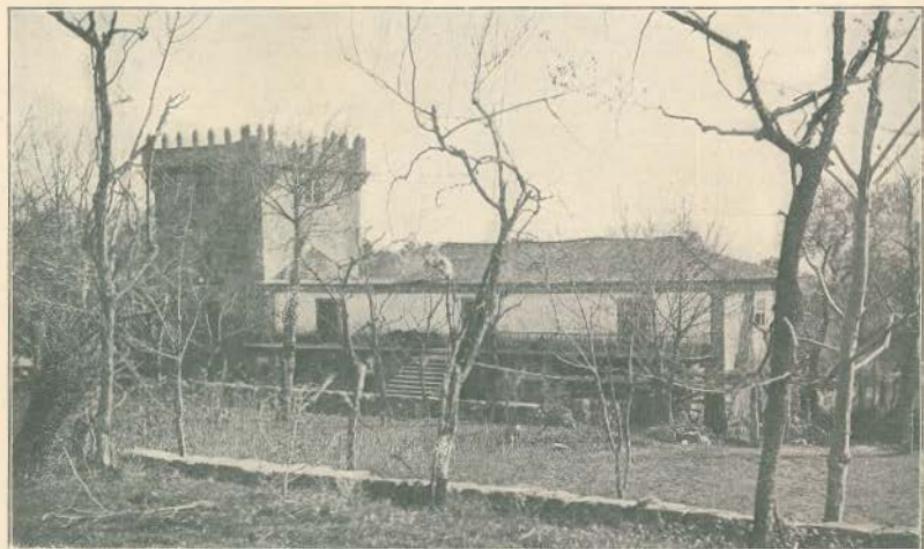
Entre os bens avoengos que formavam outr'ora a grande casa dos Viscondes de Villa Nova de Souto d'El-Rei, inventariamos hoje o solar de Gomariz, em Cervães (concelho de Villa Verde), que, ha annos, pertence á respeitavel familia Valladares, residente em Braga.

A quinta de Gomariz foi adquirida em 1296 pelo conego Durão Esteves, contador d'El-Rei D. Diniz e abbade de Cervães, que a vinculou á capella de Santa Lucia, que elle instituira na Sé Primaz.

A administração da capella pertencia aos possuidores de Gomariz e era do cabido d'aquella Sé quando em 1374 a emprazou a Diogo Gonçalves Cerqueira.

Pedro da Cunha procedia da illustre casa de Taboa e foi quem edificou a torre aristocratica, onde o brazão dos Cunhas é um documento authentico, uma chronica fidedigna.

Reedificada a casa nobre no seculo XVIII, a torre visinha prestou homenagem ás leis da harmonia e ás exigencias da civilisação, offerecendo a passividade de seu rigoroso arcabouço á furia dos dementados canteiros que lhe rasgaram janellas e abriram portas com o criterio e pericia dos eternos vereadores.

Os abastados senhores da torre de Gomariz viviam de preferencia em Monsão, onde tinham casa e onde administravam a capella, instituida na egreja matriz, pelo pae da referida Constança Soares — Payo Rodrigues de Araujo.

Este prazo, successivamente renovado em 1444 e 1476, foi reformado em 1531 a favor de Constança Soares, Dona viuva de Pedro da Cunha.

Fica assim desmentida a informação dos nobiliarios ácerca d'esta herdade que imprudentemente consideram derivada da opulenta casa dos senhores de Azevedo. O erro nasceu, por certo, do facto de André Velho de Azevedo, que casou na torre de Gomariz com D. Brites da Cunha, ser fructo dos amôres de D. Guiomar de Azevedo, da casa de Azevedo, com o terrivel brigão André Velho, abbade de S. Victorino de Piães.

N'essa capella jaz a famosa heroina Deu-la-Deu Martins, mulher de Vasco Gomes de Abreu e bisavó materna do instituidor.

Os Cunhas Velhos e Azevedos prestaram-nos grandes serviços tanto no reino como na India e no Brazil, e alliaram-se vantajosamente com as familias mais illustres do paiz.

Subiram bem alto para que a queda fôsse mais cruel e mais rapida.

José Machado.

# OS NOSSOS ACTORES

## SANTOS PITORRA

EPIPHANIO, ROSA PAE, SANTOS «PITORRA» — O ARBITRO DAS ELEGANCIAS EM 1860 — UMA CABELLEIRA E UM CHAPÉU ALTO — «VOUS ETES LE PRINCE?»

Tres grandes figuras de actores tiveram no seculo XIX, sobre o theatro portuguez, uma influencia consideravel e decisiva: — o grande Epiphanio, o Pae Rosa e o fidalgo e intelligentissimo Santos *Pitorra*.

Foram estes tres homens que fizeram do theatro, em Portugal, o que elle é hoje. Poucos os terão egualado no prestigio de comediantes: ninguem os egualou ainda no talento de organisadores, de ensaiadores, de *metteurs-en-scene*. Figuras primaciaes e brilhantissimas, espiritos de revolução e de renovação, grandes officiaes do seu grande officio, — se os seus nomes persistem, cercados d'uma vaga auréola na reminiscencia das gerações novas, a sua obra e a sua influencia, o muito que elles conseguiram e o muito que se lhes deve, vae-se obscurecendo e apagando n'essa nevoa doirada de esquecimento respeitoso que envolve, ao fim de certo tempo, os grandes comediantes e os grandes politicos, os grandes oradores e os grandes *virtuosi*. É justo, portanto, lembrar o que elles foram, reivindicar para elles, perante as gerações que os não conheceram, o quinhão de gloria que lhes cabe, recordar as intenções e a influencia da sua obra, o seu valor de renovação e de transformação, as caracteristicas dominantes do seu talento, a sua propria historia anecdotica, — tão interessante e tão necessaria ao completo recorte moral d'uma figura de actor.

Carlos Santos em 1877

Começaremos, n'este artigo, por José Carlos dos Santos, — o principe dos comediantes portuguezes do seu tempo.

«*A anecdota é a consagração da historia*», — disse Jules Claretie. A historia de Santos *Pitorra* podia fazer-se, toda ella, com anecdotas. Poucas vidas terão sido mais agitadas, mais movimentadas e mais brilhantes. Poucos homens teriam, ao acabar da sua comedia humana, mais episodios para contar. A sua propria morte é cercada de incidentes anecdoticos capazes de gelar a medula ao mais impassivel dos *blagueurs*. A sua vida, essa foi uma novella aventurosa de gentil homem, ruidosa de successos e de *bonnes-fortunes*, empennachada de independencia e de prestigio, cheia de dominação e de triumpho, — com uma anecdota em cada pagina, uma liga que se aperta em cada capitulo, um sorriso que se abre em cada linha...

Mãos rotas de principe perdulario, esbanjou fortunas e talento, espalhou em volta de si discipulos e protegidos, imitadores e invejosos, continuadores e plagiarios. Como Lafont, o precioso, o *gandin*; como Frederico Lemaitre, cujas golas de velludo espantaram e maravilharam Paris, — Santos *Pitorra* foi em Lisboa, em

Santos *Pitorra* em 1856

1860, o arbitro das elegancias, o supremo dictador da Moda, inflexivel na *toilette* como um italiano no ponto de honra, impondo á multidão a sua casaca azul de botões doirados, o seu collete sumptuoso de seda branca, os seus charutos immensos de brazileiro rico, o seu grande ar fidalgo e gentilissimo de creatura de prestigio e de raça, costumada a mandar e a vencer, a deslumbrar e a ordenar. Romantico, apaixonado, enthusiasta, com o estofo de um Delaunay e o espirito de um Grandval, ampliava e aristocratisava tudo aquillo que soffria o contacto da sua individualidade e da sua arte; era excessivo em tudo, nas paixões nas modas, nos affectos e na magnificencia, nos fraques e nos enthusiasmos, na cabelleira e nos chapeus. Os chapeus então constituiam, pelo seu exaggero, pela sua enormidade caricatural, a nota mais caracteristica do typo de Santos *Pitorra:* eram chapeus altos immensos, capazes de abranger a sua cabelleira exuberante e annellada, tufada e magnifica, com umas abas reviradas e curvas, uma copa quasi cylindrica e relativamente curta, — especie exaggerada do chapeu Thermidor, do chapeu Theroigne de Méricourt, do *tromblon* do principio do seculo, sumptuoso por convenção, elegantissimo por moda, mas simplesmente detestavel a quarenta annos de distancia. Todos os grandes homens tiveram a sua peça de vestuario absolutamente caracteristica. Napoleão tinha a *redingote grise;* Dumas filho a *robe de chambre* vermelha; Frederico da Prussia a niza de briche; o Duque d'Avila o *cachenez;* — Santos *Pitorra* o chapeu.

Santos *Pitorra* fazia os galãs

Fazia os graciosos

Fazia os paes nobres

Fazia os centros

Fazia o folião

O typo extravagante e ao mesmo tempo gentilissimo do grande actor deu logar aos mais curiosos incidentes. São innumeras as anecdotas que ácerca das suas *toilettes* se contam. Um dia, regressava o actor Santos de Paris com Eduardo Garrido, cheio de malas, de bagagens, de cortes de seda, de preciosidades artisticas furtadas aos direitos, — e com um medo enorme de que os guardas da alfandega lhe devassassem as *valises.* N'esse mesmo dia, era esperado um principe qualquer, d'esses muitos principes da Asia em viagem de recreio na Europa, e tinham sido dadas ordens para que as bagagens d'esse hospede illustre passassem sem visitas e sem vexames, indo entre outras pessoas um reposteiro da Casa Real assistir ao desembarque. Justamente quando o Santos *Pitorra*, muito afflicto, apresentava a mala aos guardas, o reposteiro, vendo assomar aquella figura singularissima, muito trigueira, quasi negra, com uma cabelleira immensa e crespa, uma gravata encarnada um fraque azul e um grande ar de nobreza e de soberania, fez signal aos guardas, descobriu-se respeitosamente diante do actor e perguntou, humilde:

— *Vous êtes le Prince?*

Foi a salvação. Santos *Pitorra* impertigou-se mais ainda, sacudiu as mãos dos guardas, que lhe avançavam para a *valise*, tomou uma grande attitude sumptuosa, e caminhando para a porta com a solemnidade com que representaria o *Ruy Blas*, respondeu olhando de frente o pobre empregado da Casa Real:

— *«Oui, je suis le Prince, Monsieur!*

E as sedas, e o tabaco, e as preciosidades, e as joias... passaram aos direitos!

UMA VOCAÇÃO — UM THEATRO DE «MARIONETTES» E UM ACTOR-IMITADOR — GOMES DE AMORIM E A «CASA DANTESCA» — GARRETT E SANTOS «PITORRA» — UMA CASACA DE BOTÕES AMARELLOS — SETE VINTENS POR NOITE E UMA VELA DE CEBO — HISTORIA ALEGRE DE UMAS BOTAS ALTAS

Como principiou Santos *Pitorra?* Como appareceu esse grande artista, cuja individualidade havia de marcar um sulco tão profundo no theatro portuguez?

D'ordinario, costumam os biographos inventar na adolescencia dos artistas supremos, signaes reveladores do seu genio futuro. Com o grande comediante não é isso necessario. O illustre Santos *Pitorra* foi o typo perfeito, nitido, completo, do actor de vocação. Tinha o fogo sagrado. Não se fez: nasceu. Em pequeno, em casa da actual sr.ª condessa de Valenças, tinha um theatro de *marionettes*, onde elle era tudo, — auctor, ponto, ensaiador, musico, corista... e publico. Depois, ainda com 10 ou 12 annos, imitava na perfeição os grandes actores do tempo, — o Theodorico, o Sargedas, o Rosa Pae, as proprias actrizes. Era d'uma intuição, d'um brilho, d'uma vivacidade rara. Quiz então o acaso que José Carlos dos Santos conhecesse e fizesse relações com um rapaz poeta muito em voga, protegido e quasi inventado por Garrett, que tinha o seu cenaculo n'uma casa da travessa do Forno, por detraz do theatro de D. Maria II. Esse rapaz, que era o poeta Gomes d'Amorim, tomou sob a sua protecção o moço actor-imitador, recebeu-o como seu escripturario, quasi como seu secretario, garantiu-lhe tecto e alimento, e n'uma das reuniões da *casa dantesca*, como lhe chamava o auctor do *Frei Luiz de Sousa*, apresentou-o a Garrett que por ali ia muitas vezes, já celebre, com as suas joias inverosimeis, o seu chinó immenso e o seu colleto de floripondios. O «divino» attentou n'elle, mediu-o d'alto a baixo, notou-lhe a fronte intelligente e ampla, o olhar brilhante e arguto, e pondo-lhe a mão sobre o hombro, paternalmente, disse sorrindo, para Gomes de Amorim:

Carlos Santos em 1855

— «Parece-me que o pupillo tem muito sangue na guelra, e que ha de fazer a barba ao mestre! A pinta é boa!»

Santos *Pitorra* na peça *Por causa d'uma carta*

Esta sagração do maior dos poetas do seu tempo e de um dos maiores de Portugal, não podia deixar de impressionar o moço José Carlos dos Santos, a quem Gomes de Amorim já puzera a affectuosa alcunha do — *o seu Pitorra*. D'ahi por diante, a idéa fixa do theatro não o abandonou. O seu sonho era estreiar-se, — o estreiar-se no theatro de D. Maria II. Queria declaradamente, irreductivelmente, ser actor. Era o fogo sagrado. Era a vocação. Não largou Gomes de Amorim, emquanto o poeta não conseguiu que Epiphanio, o grande actor-ensaiador do theatro normal, o tomasse como discipulo da casa. Tudo se arranjou, graças ás relações com o illustre Garrett, que n'esse tempo, solemnemente, com a sua casaca verde-bronze e a sua caixa d'ouro, de rapé, entre os dedos, pontificava na dramaturgia portugueza. O *Pitorra* entrou para o theatro de D. Maria, e pouco depois, em 31 de maio de 1851, estreiava-se na peça *Ghigi*, de Gomes de Amorim, fazendo o papel de *Marino*. Quando baixou o panno, debaixo d'uma ovação calorosa, estava univocamente proclamado actor.

Começou então para elle a vida de comediante, com todas as ingenuidades, todos os sonhos d'um rapaz de vinte annos. Os principios não podiam ser mais tristes e mais desalentadores. Ganhava sete vintens por noite... e uma vela de cêbo para o camarim. Não tinha dinheiro para se vestir, — quasi nem tinha dinheiro para se caracterisar: mas o seu sonho de gloria era tão alto e tão resplandecente, que não lhe deixava vêr as miserias da vida.

O seu forte eram as peças militares, que se prestassem a uniformes, a esporas, a bigodes, — os papeis d'um brilho e d'uma heroicidade triumphaes, capazes de apaixonar pelos camarotes todas as mulheres e de fazer oscillar de commoção todas as *crinolines* galantes de Lisboa. — «*O meu ideal*, dizia elle a Julio Cesar Machado, — *era uma casaca azul de botões amarellos n'um papel de rapaz corajoso, intelligente e elegante*». Se esse rapaz usasse umas botas e umas esporas, — então era mais do que um ideal, era para o moço Santos *Pitorra* uma verdadeira loucura. Bater os pés no tablado, heroicamente, fidalgamente, e ouvir tilintar a prata das esporas no degráu dos saltos de prateleira! Se havia nada mais nobremente viril, mais Marquez de Marialva, mais d'Artagnan, mais capaz de fazer perder a cabeça a todas as *leôas* de morinaque de 1859!

Esperou mezes, para que lhe cahisse do céu um papel que se pudesse representar de botas altas. Foram mezes de incerteza, de sonho, de esperança fugitiva, de des-

Santos *Pitorra* na peça *Os Excentricos*

alento, de duvida. Finalmente, chegou o dia. O velho Epiphanio mandou-o chamar e entregou-lhe um pequeno *bout-de-rôle*, — um esbelto tenente de dragões. Não se calcula a alegria do moço *Pitorra*: riu, chorou, teve tentações de se abraçar ao Epiphanio, dançou pelo meio da casa, estava radiante, illuminado, contentissimo. Mas de repente — lado triste da vida! — cahiu na realidade das coisas, na brutalidade crua dos factos, lembrou-se, pela primeira vez, de que para representar um papel com botas era preciso ter umas botas, de que para ter umas botas era preciso ter dinheiro, — e a sua pobre bolsa vasia proclamava eloquentemente a impossibilidade de adquirir sequer os mais modestos e primitivos sapatos. O papel já ali estava, naturalmente bello, heroico, viril: faltava agora o melhor, — faltavam as botas altas, faltava o dinheiro, faltava o principal, — faltava tudo. Como havia elle de comprar umas botas á Frederica, sumptuosas no seu verniz e nas suas borlas, com os sete vintens e com a vela de cêbo

Santos *Pitorra*, no *Tartufo*

que ganhava por noite no theatro de D. Maria II! Mas os rapazes novos teem sempre uma idéa salvadora. Santos *Pitorra* depois de muito procurar no fundo do seu espirito fecundo e inventivo, depois de ter sonhado, noites e noites, com todos os sapateiros de Lisboa, depois de ter feito prodigios de reflexão para vêr se conseguia algum dinheiro, — lembrou-se, finalmente, de um expediente magnifico: agarrou em dois pedaços de papelão, fez dois canudos, coseu-os muito bem com linha preta, engraxou-os com graxa vulgar, enrugou-os na parte de baixo, metteu um em cada perna, adaptou-os a uns sapatos quasquer, comprou por um pataco umas esporas de latão, improvisou umas correias, — e quando menos esperava, ainda na incerteza do resultado obtido, ainda duvidoso, pallido de commoção, radiante de alegria, viu que tinha nos pés duas botas á Frederica, duas botas authenticas, duas botas admiraveis, duas botas de fazer apaixonar todas as meninas de Lisboa, — duas botas que iam ser o maior successo da sua vida!

Quando chegou a noite da representação da peça, Santos *Pitorra* estava um verdadeiro tenente de dragões: as botas não podiam luzir mais, as esporas tilintavam no sobrado, a espada arrastava solemnemente, como se fosse a do proprio conde de Lippe. A certa altura, porém, veiu a scena violenta do papel. O tenente declarou-se á menina, chegou o pae, exprobou-lhe o procedimento, houve grandes gestos, grandes phrases, grandes *tirades*, o amante insultou o velho, levou a mão á espada, arrependeu-se, chorou, cahiu de joelhos diante da sua bella, — e no momento mais pathetico, no momento mais doloroso, no momento mais grave... não se imagina a gargalhada colossal, a gargalhada heroica, a gargalhada estridente que sacudiu toda a plateia!

Eram as malditas botas! Tinha estalado um dos canudos de papelão, desprendêra-se-lhe da perna, rolára no tablado, — e o apaixonado tenente de dragões estava a representar uma scena d'amor... de sapato, meia e canelim á mostra!

E succedia isto no theatro de D. Maria II! Como os tempos eram outros! Como se começava uma carreira gloriosa ha cincoenta e cinco annos!

OS PRIMEIROS TRIUMPHOS ◎ UM GALÃ ◎ BRUMELL DE COTHURNO DOIRADO ◎ NO THEATRO D. FERNANDO E NO GYMNASIO ◎ AS PRIMEIRAS VIAGENS ◎ CELEBRIDADES EXTRANGEIRAS ◎ UMA REVOLUÇÃO NA «MISE-EN-SCENE» ◎ SANTOS «PITORRA» ENSAIADOR ◎ A «GRÃ-DUQUEZA» E A LETROUBLON ◎ ANTONIO PEDRO E O HOMEM DAS CASTANHAS

Do theatro de D. Maria, onde se estreiou como discipulo, Santos *Pitorra* passou para o theatro D. Fernando, que abrira pouco mais ou menos onde é hoje o Hotel Pelicano, no largo de Santa Justa. Ahi, em melhores circumstancias pecuniarias, fez o seu primeiro galã *a valer*, n'uma peça que elle proprio traduziu. Deu-se então o luxo de uma casaca azul, colleante, de botões doirados. O *dandy*, o *gandin*, o arbitro das elegancias, revelava-se. Essa casaca foi a primeira affirmação do protegido de Gomes de Amorim na especialidade de sir George Brumell. Estava lançado.

Passou então para o Gymnasio, — na falta do actor Vasco, fazendo tambem os galãs. Continuou a merecer ahi, como já merecera no theatro D. Fer-

nando, os elogios da critica, — pouco caridosa em geral para os actores que começam. Em 1863 estava já um comediante distincto, *dizendo* bem, vestindo-se melhor, tendo bom gesto, boa mascara, boas attitudes. Foi n'essa data que, a expensas d'El-Rei D. Luiz, fez a sua primeira viagem ao estrangeiro, — viagem que tão profunda influencia teve sobre o espirito de Santos *Pitorra*: viu Frederico Lemaitre, viu a Déjazet, ambos já na linha descencional da sua gloria, ambos velhos e sem dentes, — admirou Delaunay, Bressant, Got, Prévost. Acompanhava-o o grande actor Tasso. D'ahi por diante, não deixou de viajar. Correu os primeiros theatros de Hespanha, de França, da Italia e da Inglaterra. Conheceu os celebres Julian Roméa e Matilde Diaz, vulgarisadores de Calderon e de Lope de Véga; admirou Rossi e Salvini, o grande interprete da *Vida d'um Rapaz Pobre* na Italia; applaudiu em Londres William Booth, o creador do *Cardeal de Richelieu*, e Edwin Beneth, um dos *Hamlets* mais notaveis do theatro inglez. Fez a sua educação, lentamente, comparando, aproximando factos e processos, rubricando os acontecimentos com a sua fina critica. Quando voltou em 1868 d'uma das suas ultimas viagens, vinha preparado pelo muito que estudára, pelo muito que lêra, pelo muito que vira, a ser, não só um dos primeiros actores portuguezes, — mas decerto o primeiro dos ensaiadores que teve o nosso theatro.

Successor em linha recta, *et par droit de conquête*, do velho Epiphanio Aniceto Gonçalves e de Rosa Pao, — Santos *Pitorra* foi o mais original, o mais sabio e o mais illustre dos directores de scena que teve o theatro do Gymnasio, o theatro do Principe Real e o theatro de D. Maria II. Foi verdadeiramente no seu tempo e por sua iniciativa que a *mise-en-scene* começou a fazer-se com seriedade entre nós, e que se principiou a cuidar no mobiliario e nos estylos, na decoração e na architectura das scenas. Epiphanio fizera já uma revolução na sciencia de «marcar» as peças: Santos completou a obra do velho actor-ensaiador, cuidando a indumentaria e as decorações com uma meticulosidade e uma exigencia de erudito. Viajára muito, vira muito, assistira ao desfilar de muitos comediantes illustres d'ante de quasi todas as grandes ribaltas européas: estava, pois, solidamente preparado para o trabalho de renovação que emprehendeu.

Provou-o, exuberantemente, o tempo em que no Principe Real (1868) montou a *Grã-Duqueza de Gerolstein*, com a Letroublon, — peça esta que marcou um dos maiores exitos do theatro de que ha memoria em Portugal, — e depois da operetta de Offenbach, outras ainda, como *A Ponte dos Suspiros* e a *Flôr de Chá*. Provou-o com não menos evidencia a sua empreza em D. Maria II, até 1877, durante a qual subiram á scena as grandes peças modernas do repertorio francez d'então, — *A Patrie*, o *Demi-Monde*, as *Pattes de Mouche*, o *Antony*, o *Marquez de Villemer*, a *Vida d'um Rapaz Pobre*. N'esse grande repertorio, quantas creações notabilissimas, quanta sciencia da arte de representar e de compôr, quanto brilho e quantos recursos habeis de *metteur en scène!* Os seus typos fizeram epoca, as suas casacas azues, verde-bronze, as suas modernas e irreprehensiveis casacas pretas, a sua elegancia *saintsimoniense*, a sua figura e o seu *aplomb* de fidalgo, deram-lhe a cathegoria d'um Spencer dos palcos, d'um Brumell de cothurno doirado, d'um arbitro de elegancias infallivel que os *snobs* do Marrare de polimento imitavam e que as mulheres seguiam com o olhar pelas ruas.

Mas superior ainda á arte com que se fazia triumphar a si proprio, — estava sem duvida a arte com que fazia triumphar os outros. Muitos grandes actores foram exclusivamente obra sua. Creou, *de toutes-pièces*, comediantes illustres. Antonio Pedro deveu-lhe muitos successos em creações que ficaram celebres, e negava-se a representar determinados papeis se o não fôsse ensaiar o Santos *Pitorra*. Com o *Saltimbanco*, deu-se positivamente isso: foi necessario que Antonio Ennes conseguisse a presidencia de Santos nos ensaios, para que o grande caracteristico se decidisse a fazer o papel. Foi ainda o amigo de Gomes de Amorim que se lembrou do *Paralytico* e dos *Solteirões* e os fez traduzir expressamente para que Antonio Pedro os desempenhasse. As relações d'ambos foram sempre as de dois irmãos muito queridos; o creador do *Coveiro* do *Hamlet* tinha por Santos *Pitorra*

Santos *Pitorra* no *Cadet Roussel*

Santos *Pitorra* em 1868, na volta d'uma das suas viagens ao estrangeiro

um respeito profundo e instinctivo; o creador do *Marquez de Villemer* tinha por Antonio Pedro a mais incondicional das admirações. Entretanto, ás vezes, zangavam-se. São curiosissimas as anecdotas que se contam dos dois, e dão bem a medida do viver de theatro de ha quarenta annos. José Carlos dos Santos era severo e disciplinador; emquanto presidia aos ensaios, não admittia a ninguem a sombra d'um gracejo. Um dia ensaiava certa actriz n'uma peça complicadissima, e Antonio Pedro, que tambem tinha na mesma peça um papel importante, esperava nos bastidores comendo, como era seu costume, castanhas assadas. A principio o successor de Epiphanio não deu por isso; mas, a pouco e pouco, o crepitar das castanhas ao descascarem-se começou a irrital-o, a enerval-o, a aborrecel-o. A certa altura não poude mais, descarregou um murro na caixa do ponto e gritou para o fundo:

— Esse homem das castanhas que acabe com isso!

Antonio Pedro, tratado summariamente por *«esse homem das castanhas»*, embezerrou, julgou-se melindrado, sentou-se muito murcho n'uma cadeira d'entre bastidores, á espera da deixa para a entrada — mas n'isto teve uma idéa, agarrou no chapéu, levantou-se e sahiu. Durante uns minutos deixou de ouvir-se o crepitar das castanhas; Santos *Pitorra* poude ensaiar tranquillamente, — mas d'ahi a pouco, quasi ao terminar a scena, os mesmos estalidos irritantes voltaram, persistentes, d'esta vez acompanhados de risinhos abafados e com um caracter tão manifesto de indisciplina, que o grande ensaiador não poude conter-se, interrompeu o ensaio, e ordenou para os bastidores:

— Esse homem das castanhas que venha cá!

Qual não foi o espanto do *Pitorra*, quando em vez do eminente caracteristico, a quem queria dizer duas palavras ásperas, lhe surgiu da porta do fundo um verdadeiro, um authentico vendedor de castanhas, de alforge ás costas, chambão e porco, — e logo atraz d'elle Antonio Pedro, explicando com a maior naturalidade, como se não fôra nada com elle:

— Homem das castanhas, só havia esse lá fóra.

Não se calcula o escandalo que semelhante incidente determinou, quando não se souber quanto no tempo era apertada a disciplina nos ensaios. Santos pôz o chapeu na cabeça, não se despediu de ninguem e sahiu furioso pela porta fóra. Mas no dia seguinte, esquecera tudo. No fundo d'aquella grande alma não havia rancores.

SANTOS «PITORRA» EM D. MARIA ◎ O SUCCESSO DO «LOUCO D'EVORA» ◎ DOIS «FOX-TERRIER» E AS PEÇAS ORIGINAES ◎ SANTOS E OS AUCTORES DRAMATICOS ◎ FALA JULIO CESAR MACHADO ◎ A DERROCADA DE BRUMELL ◎ O «PITORRA» E MANOELA REY ◎ A CEGUEIRA ◎ A MORTE DE UM COMEDIANTE

Santos *Pitorra* foi dos espiritos que mais luctaram contra a estupidez e o atrazo do seu tempo.

Em 1870, anno em que tomou com José Joaquim Pinto, o theatro de D. Maria II, a predilecção do

Santos *Pitorra* em 1870 (Theatro de D. Maria II)

publico pelos dramalhões grosseiros e ineptos era positiva e inflexivel. O *Louco d'Evora* era o typo da peça preferida: sempre que o cartaz a annunciava, o theatro tinha uma enchente á cunha. Debalde o illustre actor combatia o mau gosto do publico, dando-lhe peças como o *Tartufo*, como o *Villemer*, como as *Sabichonas*, como o *Rabagas*, como o *Demi-Monde*: o que as platéas queriam era dramalhão e rhetorica. Quando, com peças como as *Pattes de Mouche* ou *Mr. Alphonse* as receitas diminuiam, era vel-o desesperado, mettendo os dedos pela cabelleira e gritando para o secretario da empreza:

—Amanhã «*Louquinho d'Evora!*» Mande fazer os cartazes! «*Louquinho d'Evora*»!

Os originaes, então, cahiam todos. Succediam-se os *four-noir* com uma precipitação de catastrophe. Santos *Pitorra* já não podia ver auctores, já não podia ler peças: se via aprpoximar-se alguem com um rolo de papel na mão, fugia espavorido. Falar em originaes diante d'elle, era falar no diabo. Um dia appareceu no theatro um homem a vender dois magnificos cães, dois *fox-terrier* admiraveis, e fazendo prodigios para que Santos *Pitorra* ficasse pelo menos com um d'elles. Vendo o grande actor pouco decidido a compral-os, o homem gabava-os, exaltava-os, dizia maravilhas:

—Mas veja o sr. Santos... Não se encontram dois animaes assim... Olhe este focinho... Olhe este pello...

—Não... Não compro...—recusava o grande actor já meio abalado, afagando os *fox-terrier*.

—E depois, veja que originaes!—tornou o homem, n'um enthusiasmo.

Ao ouvir a palavra, Santos *Pitorra* estremeceu,

Santos *Pitorra* em 1879 (já cégo

Santos *Pitorra* dandy.—Caricatura de Raphael Bordallo

recuou, olhou com horror o dono dos cães, e disse bruscamente, voltando-lhe as costas:

—Originaes? São originaes? Então não quero! Leve-os! Leve-os!

E entretanto, esse grande actor que o «divino» Garrett consagrára n'uma noite celebre da *Casa dantesca*, foi durante toda a sua vida de emprezario, no Principe Real, em D. Maria e no Gymnasio onde em 1877 se juntou em empreza com o Polla, um dos mais desvelados e sabios protectores que teve a dramaturgia em Portugal. Foi essa mesma protecção que lhe ajudou a crear-se a situação privilegiada que manteve sempre no theatro do seu tempo. Os mais cotados auctores respeitavam-no e seguiam-lhe os conselhos. Pinheiro Chagas, de quem Santos levou em D. Maria duas peças, a *Magdalena* e o *Drama do Povo*, tinha por elle uma profunda admiração e uma velha estima. O grande actor, tão correcto no seu caracter como nas suas casacas, na sua arte como nas suas relações, galante e espirituoso, especie de d'Orsay que tivesse posto os punhos de renda de Chamfort, jogando com a phrase como com a espada de taça dos grandes dramas romanticos, arguto e intelligentissimo,—conseguiu tornar-se uma figura dominante da sua epoca, uma figura de prestigio sobre a multidão, de ascendente provado sobre os homens cultos, uma figura que marcava, que tinha a coragem da sua individualidade e a força de impôr como moda as proprias extravagancias. Disse d'elle Julio Cesar Machado n'um curioso livro: «*Era um actor de bons dotes, imaginoso, quente, audaz. Assim o era, e assim lh'o diziam. De uma occa-*

Santos *Pitorra* em 1866

*são em diante, começaram a chamar-lhe mais alguma coisa: começaram a chamar-lhe sublime. Isso pezou-lhe. Ha poucas coisas tão incommodas como um homem achar-se de um dia para o outro armado em divindade. O sublime deve ser sempre uma aspiração: nunca um emprego. — Em que se emprega o senhor? — Em ser sublime. — É mau. Diz um proverbio arabe: Deus te defenda de realisares o teu ideal. Grande e triste verdade. Santos entristeceu, desde que realisou o seu ideal*». Puro engano. Não foi o triumpho, que o grande comediante conquistára á custa do mais fidalgo esforço, não foi a implacavel saciedade dos gloriosos a determinante da depressão que a certa altura começou a notar-se em Santos *Pitorra*. Houve para isso outra razão mais forte e mais triste. O illustre continuador de Epiphanio e de Rosa Pae, o dictador das elegancias lisboetas, o *leader* brilhantissimo da Moda intransigente, cuja cabelleira exuberante irradiava triumphos e cujo olhar de velludo arrastava mulheres, — esse homem, feliz, invejado e acclamado, assistia em si proprio, resignadamente, desde ha annos, aos progressos devastadores d'uma terrivel doença. Foi longa e cruel a agonia de Santos *Pitorra*. Mal diria elle, ao ensaiar Manoela Rey na *Valeria*, vinte annos antes de começar a soffrer uma das maiores torturas humanas, que ainda havia de representar ao vivo aquillo que tão bem imitára n'uma roda de actores despreoccupados e alegres. Foi o caso que a linda actriz, émula de Rosa Damasceno, tendo de fazer na peça de Scribe um papel de cega, lembrou-se de pedir ao Santos, durante o intervallo d'um ensaio, n'um trilo da sua vozinha d'oiro:

— Ó Santos! Imita lá um cégo para eu ver!

O grande actor não se fez rogado, levantou-se da sua cadeira de ensaiador, e com o talento e o entimento de verdade que sabia pôr em tudo, rincipiou a tomar as attitudes de cabeça, os momentos vagos, as expressões extaticas e pasmadas d'um cégo. E tão bem o fez, com tanta arte e tanta observação, que Manoela Rey não se conteve, bateu as palmas n'um enthusiasmo, atirou-se ao pescoço do grande comediante e gritou na alegria expansiva dos seus 18 annos:

— Bravo! Bravo, Santos! É um cego perfeito! Nunca vi imitar um cego como tu! Bravo!

Vinte annos depois d'esta ingenua scena, Santos *Pitorra* cegava. Na sua escuridão e na sua tristeza, lembrando o enthusiasmo infantil da galante actriz, já a esse tempo morta, repetia baixinho ás vezes, n'uma voz que a saudade velava de lagrimas:

— Agora sim! Agora é que a Manoela me devia achar um esplendido cégo!

O tempo de vida que para o eminente creador do *Tartufo* se seguiu a este desastre, foi uma dura

Santos *Pitorra* no papel de Luiz XVI (*Maria Antonietta*, de Giacometti)

provação e um infinito martyrio. Não bastava a falta de vista, que se accentuou progressivamente até á cegueira completa: os dias succediam-se sem que o grande actor se levantasse da cama, entrevado, com as pernas fracturadas, immovel, prodigiosamente resignado. A esposa, a illustre actriz Amelia Vieira, cujo formosissimo talento elle trabalhára, burilando-o com o amoroso cuidado d'um ourives; os filhos, um dos quaes, Carlos Santos, é hoje um actor cheio de futuro e de intelligencia, rodeavam-lhe o leito affectuosamente, cercando-o do maior conforto e da maior alegria de que póde rodear-se um cégo. Mas a doença avançava implacavelmente, sem esperança de melhora, sem esperança sequer de uma morte tranquilla. Entretanto, apesar da sua invalidez, da sua escuridão, da sua agonia, Santos *Pitorra* não pensava senão no theatro, não falava senão em theatro, fazia ensaios simulados com os filhos, pedia a Amelia Vieira que lhe desse o papel da *Vida d'um Rapaz Pobre*, e dizia-o sem hesitar, do principio a fim, fielmente, n'um assombro de memoria... A idéa de representar ainda, dominava-o, absorvia-o, era a luminosa *Terra de Promissão* da sua agonia immensa. Quando porventura alguem pretendia dissuadil-o, afastar-lhe do espirito essa idéa absurda, elle respondia, obstinadamente, invariavelmente, n'um sorriso doloroso:

—Ainda hei de representar uma vez... e ninguem ha de dar por isso!

Santos *Pitorra* no seu leito de agonia.—Desenho de Raphael Bordal'o Pinheiro

Um dia, ao cahir da tarde, estando de cama, rodeado da esposa, dos filhos e de alguns amigos, muito pallido, os olhos velados por uma luneta escura, a cabelleira revolta, a barba por fazer, Santos *Pitorra* teve bruscamente um estremeção, uma convulsão rapida, a mão crispou-se-lhe no lençol, a cabeça descahiu e rolou pesadamente no travesseiro. Todos se lançaram sobre elle, n'um grito de dôr e ao mesmo tempo d'allivio, e quando julgavam terminada aquella tortura sobre-humana, o pobre doente tornou a erguer a cabeça no seu eterno sorriso amargurado, e disse, quasi satisfeito, apertando a mão da esposa:

—Como vêem, ainda sei representar, meus amigos!

Dois dias depois, fallecia. Grande espirito, soube affirmar até ao fim a excellencia das suas aptidões de comediante: foi actor até na propria morte.

A VISITA DE S. M. A RAINHA DE INGLATERRA AOS REIS DE PORTUGAL

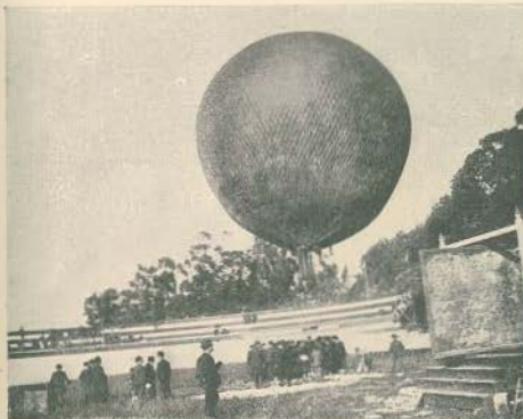
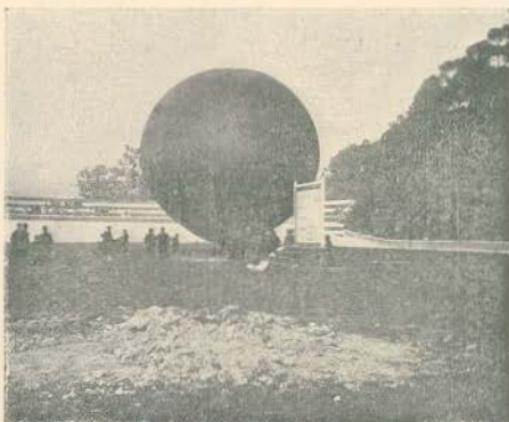
A rainha de Inglaterra regressando a bordo do «yacht» «Victoria and Albert» — A rainha de Inglaterra dirigindo-se á estação do Caes do Sodré — El-Rei conversando com a princeza Luiza d'Orléans — Na estação maritima do Caes do Sodré, antes do embarque

# A ascenção do balão "Nacional"

## Em 20 de maio

O «Nacional» é hoje propriedade do aeronauta sr. Alfredo Gomes de Figueiredo, discipulo do celebre «Ferramenta» e que, seduzido pelas glorias do *sport* e animado pelo seu espirito aventureiro e intrepido, resolveu dedicar-se á mesma profissão que deu áquelle seu mestre notoriedade e proventos.

O sr. Alfredo de Figueiredo, que no Brazil effectuara já algumas ascenções, apresentou-se agora pela primeira vez ao publico de Lisboa.

Ultimados os preparativos, cerca das 5 horas e meia, e no intervallo da 1.ª para a 2.ª parte do espectaculo cyclista, o «Nacional», que se balouçava graciosamente ao sabor do vento, foi arrastado para um dos extremos da *pelouse* a fim de lhe ser facilitada a ascenção.

Entretanto o sr. Figueiredo, acompanhado por alguns dos seus amigos, percorria, em toda a volta, a pista do Velodromo, cumprimentando o publico, que na sua passagem, o festejava com palmas.

O novo aeronauta mostrou grande arrojo e uma rara confiança nos seus conhecimentos technicos. As photographias mostram nitidamente as diversas phases da ascenção, desde o enchimento do aerostato.

O balão, que se conservou nos ares approximadamente uma hora, atravessou a cidade e o Tejo, indo descer proximo do Samouco, entre os locaes denominados Moinho de Figueiredo e Esteiro Furado, no concelho da Moita.

# A OBRA D'UM GRANDE ARCHITECTO

VENTURA TERRA

O maior elogio de Ventura Terra, hoje considerado o primeiro dos architectos portuguezes, quer sob o ponto de vista exclusivamente profissional, quer sob o ponto de vista artistico, está na sua obra consideravel, tanto a monumental como a da edificação domestica, que o seu talento, a sua competencia exemplar e a sua sensata intelligencia orientaram no sentido mais moderno da utilidade e da esthetica.

Poucos themas, como o da architectura em Portugal, se prestam a considerações abundantes e variadas. É mesmo este um dos assumptos que mais seduzem, dentro da critica de arte, o investigador e o artista. Com excepção da obra notabilissima de Albrecht Haupt (1) — que acaba de nos visitar mais uma vez, no decurso das suas investigações sobre a arte visigoda na peninsula, — e dos estudos restrictos, incompletos, fragmentados ou superficiaes de D. Francisco de S. Luiz, de Raczenski, de Cyrillo Machado, de James Murphy, de Mousinho d'Albuquerque, esclarecidos, ampliados e continuados pela pleiade romantica, que collaborou no *Archivo Pittoresco* e no *Panorama*, inaugurando entre nós a monographia historica, o que n'estes ultimos vinte annos se tem estudado e revelado sobre architectura, em trabalhos raramente methodisados, deve-se aos srs. Ramalho Ortigão (2), Leite de Vasconcellos, Augusto Fuschini (3), Antonio Augusto Gonçalves, Sousa Viterbo, Rocha Peixoto, Manuel Monteiro, Gonçalves Coelho, Teixeira de Carvalho, Joaquim Rasteiro (4) e á iniciativa, por tantos titulos benemerita, do conselho dos Monumentos Nacionaes e da Sociedade dos Architectos Portuguezes, sem esquecer as interessantes tentativas de reconstituição de Ernesto Korrodi e a recente publicação da casa Biel, *A Arte e a Natureza em Portugal*.

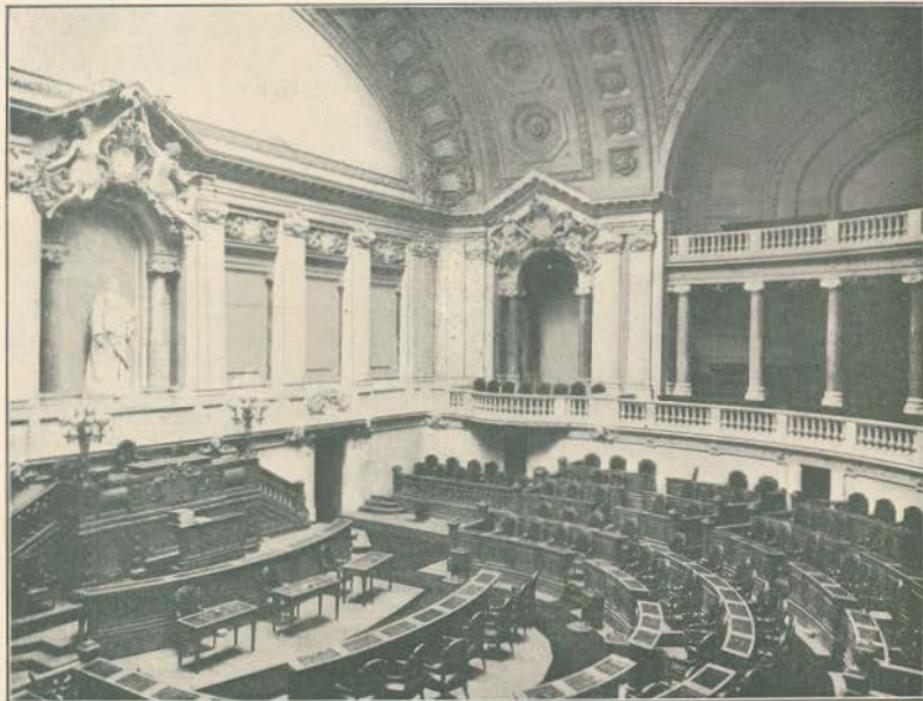
(1) «Die Baukunst der Renaissance in Portugal», 1890.
(2) «O culto da arte em Portugal», 1900.
(3) «A architectura religiosa na Edade-Media», 1904.
(4) «Inicios da Renascença em Portugal—Quinta e palacio da Bacalhôa, monographia historico-artistica», Imprensa Nacional, 1895.

Projecto de um palacio para a Associação Geral dos Estudantes de Paris (1.a menção honrosa)

Uma das entradas para a sala das sessões da Camara dos Deputados

Estão ainda por coordenar os elementos indispensaveis a uma vasta e minuciosa historia da nossa obra architectonica, desde os edificios militares dos seculos XII, XIII, XIV e XV e dos edificios religiosos de estylo romanico, gothico, manuelino, do renascimento e barôco, até á edificação civil dos seculos XVII e XVIII. E se nos detemos no limiar do seculo XIX é porque, de facto, a architectura d'estes ultimos cem annos em Portugal não é digna de apreciação demorada e muito menos da honra de uma historia, quando não seja para verberar as sevicias criminosas de que foram victimas os grandes monumentos do passado. Com a conclusão de Queluz, a edificação de Mafra e a reconstrucção pombalina de Lisboa, exhauriu-se a arte architectonica em Portugal. Durante oitenta annos, o liberalismo utilitario confiou a construcção dos edificios religiosos e civis a homens destituidos por completo dos recursos estethicos e profissionaes que tinham sido até ahi apanagio dos architectos. As tradições da arte de construir, debilmente alimentadas pela insufficiencia dos cursos de architectura das escolas de Lisboa e do Porto, quasi se apagaram. E de tal maneira a noção da arte de construcção se vinha progressivamente obliterando, que o engenheiro se proclamava architecto, que o conductor de obras publicas se investia das mesmas honras indevidas e o mestre de obras partilhava com elle o nobre officio a que o Sansovino, Miguel Angelo e Raphael tinham dado o concurso do seu genio... Esta decadencia, a que devemos a fealdade e o desconforto da casa moderna, com a qual se povoaram as avenidas e as ruas das cidades, não chegava a ser corrigida pelo recurso á competencia de um architecto estrangeiro, raras vezes chamado a supprir a inhabilidade dos nacionaes, e viu-se então, pela natural preferencia dada a um artista sobre um mestre de obras inculto, confiarem-se planos architectonicos a scenographos e pintores! E' em plena crise architectonica que surge finalmente em Portugal, com a sua carta de architectos pela escola de Bellas Artes de Paris, uma trindade de homens, entre os quaes, sem desmerecer no merito dos restantes, em breve se extremava, pela complexidade das aptidões e dos talentos, um artista de lucidissima intelligencia, a quem estava reservada a honra de iniciar a reforma radical, que lentamente se vae operando, na arte de construir sabiamente um edificio.

Ventura Terra — porque é este o nome do architecto — iniciára em 1881 os seus estudos de architectura, pintura e esculptura na Academia de Bellas Artes do Porto, onde, tres annos depois, concorrendo ao concurso de pensionista do Estado no estrangeiro, obtinha a primeira classificação, partindo em 1886, com vinte annos apenas, para Paris. Ia principiar para o juvenil diplomado da Academia do Porto — da qual é hoje academico de merito — um periodo de obstinada lucta pela gloria n'esse vasto mundo das artes, onde a concorrencia das aptidões é mais do que em qualquer outra parte encarniçada e para onde todas as nacionalidades remettem contendores seleccionados. A sua lucta estreia-se por uma victoria. Ventura Terra consegue uma das cinco primeiras classificações

Entrada do vestibulo de honra da Camara dos Deputados

A Sala das Sessões na nova Camara dos Deputados

no concurso de entrada para a Escola de Bellas Artes. Successivamente alumno do eminente architecto francez Jules André e de Victor Laloux, o mais notavel architecto da França moderna, o pensionista da modesta Academia do Porto obtem, durante o seu curso, vinte e seis primeiras e segundas menções honrosas e cinco medalhas, sendo admittido a concorrer ao concurso dos architectos de 1.ª classe diplomados, o mais subido grau a que pode aspirar um architecto francez! A prova principal do seu concurso era o grandioso projecto

Nova Camara dos Deputados — Sala dos Passos-perdidos

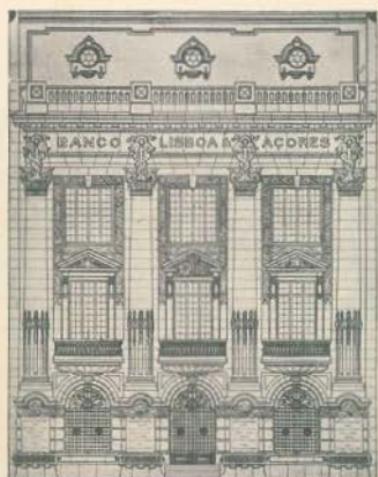
Monumento ao infante D. Henrique — (Modelo da estatua — Esboço em cêra

Projecto do Palacio da Justiça

para o Palacio de Justiça, que lhe fôra encommendado pelo governo portuguez e que hoje deveria decorar com a sua severa fachada de marmore a penuria da Avenida da Liberdade, se não fôra o criterio mesquinho de um ministro que o julgou rico de mais para um paiz onde a justiça é de menos... N'esse mesmo anno de 1895, já na posse do seu diploma de architecto de 1.ª classe da Escola de Bellas Artes de Paris, Ventura Terra, expondo no *Salon* o seu projecto, obtinha uma menção honrosa (unica recompensa até hoje ali obtida por um architecto portuguez) e tinha a honra de vêr o seu trabalho apreciado em primeiro logar, como a obra de um artista consagrado, na critica que á secção de architectura dedicava *Le Journal des Arts*. Mas não se limitára a fazer brilhantemente um curso laborioso, o pensionista da escola do Porto. Nos jornaes francezes da especialidade vêmol-o constantemente apparecer, infatigavel e animoso, concorrendo ao concurso do monumento da praça da Concordia — que nunca chegou a construir-se, — ao do palacio para a Associação Geral dos Estudantes, em que obtinha a 1.ª menção de honra, — classificação com que não concordava *La Construction Moderne* no seu numero de 23 de abril de 1892, declarando: *«nous préférerions celle de M. Terra, pensionaire, dit-on, du gouvernement portugais, qui a compris, peut-être un peu trop royalement, mais en tout cas d'une façon très complète, ce plan d'Hotêl des Etudiants* — ao concurso de uma escola pratica de floricultura e acclimação em Nice e finalmente no concurso para o monumento do Infante D. Henrique, em que lhe foi adjudicado o 2.º premio depois de divergencias entre a commissão e o jury, que insistia em preferir o projecto extraordinariamente ornamental e de uma audaciosa originalidade de Ventura Terra — o qual se desdobrava em esculptor e architecto — ao projecto do esculptor Thomaz Costa, hoje erguido em frente ao edificio da Bolsa, na cidade do Porto.

Monumento á Concordia — (Concurso em Paris)

A desforra encontrava-a depressa Ventura Terra. Regressando a Portugal em 1896, obtinha o 1.º premio no concurso internacional aberto pelo governo portuguez para os projectos de construcção da Camara dos Deputados e impunha-se de chofre, como o mais notavel dos architectos do seu paiz, na delineação d'essa obra que o sr. Ramalho Ortigão qualificou de *«o mais importante, o mais grandioso, o mais bello de todos os recintos portuguezes edificados durante o periodo dos ultimos cem annos!»*

É de facto impossivel oppôr a esse admiravel monumento architectonico, onde se assignala a alta sciencia de um mestre na arte de construir e a ampla, radiosa imaginação de um artista, outro qualquer edificio, no desenrolar vasto de um seculo. Desde o aspecto geral da grande sala até ao mais insignificante detalhe ornamental, tudo harmonicamente se completa para produzir a impressão de magestade e de elegancia, de severa sobriedade e caprichoso estylo, que logo de entrada domina o espectador. Discipulo de uma escola franceza, Ventura Terra tem no mais subido grau essa capacidade de clareza, que notabilisa todas as artes de França e é o culminante distinctivo do genio francez. Todas as suas obras, desde as mais monumentaes ás mais modestas, ostentam uma tal limpidez de concepção, uma serenidade e uma no-

Fachada principal do Banco Lisboa & Açôres

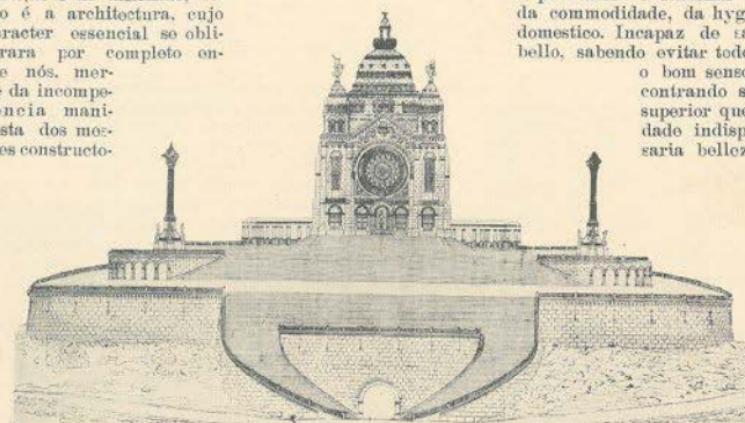
breza que sem engano attestam o ponderado espirito e o claro e meditado engenho do homem que as ideou e produziu.

Analysar essa obra com o cuidado que ella merece e em todas as suas particularidades e variantes seria, pela attracção do assumpto, a mais agradavel, se bem que a mais complexa das tarefas. Mas a materia d'esse estudo exhorbitaria do limitado espaço de que dispomos.

Descrever a obra de Ventura Terra equivalia a fazer uma sabia prelecção sobre architectura em todos seus multiplos capitulos, desde o monumento civico á basilica, desde o palacio ao lar. Porque o talento imaginoso e maravilhosamente equilibrado do artista, longe de se limitar a uma especialidade e de se restringir a um processo unico, sem perder a individualidade a cada momento se renova, por uma poderosa faculdade de interpretação exacta do assumpto. É assim que o auctor do grandioso projecto da basilica em estylo romanico bysantino do monte de Santa Luzia, em Vianna do Castello, com a mesma inspiração e segurança que traça as tres arrojadas abobodas das galerias da camara dos deputados, tão engenhosamente enlaçadas á cupula central, modela em cêra a *maquette* para o seu projecto de monumento ao Infante D. Henrique, desenha a *loggia* elegantissima do seu predio na rua Alexandre Herculano, a que a Camara Municipal concedeu o premio Valmór, e delineia o edificio monumental do Banco Lisboa & Açôres e o harmonioso palacio do sr. Henrique Monteiro de Mendonça.

A casa de habitação de Ventura Terra na rua Alexandre Herculano (Premio Valmór)

N'uma arte, toda de ponderação e de utilidade, como é a architectura, cujo caracter essencial se obliterara por completo entre nós, mercê da incompetencia manifesta dos mestres constructores, a sua reflectida sciencia esmerou-se em procurar, como o estylista, a perfeição na sobriedade.

Toda a casa de Ventura Terra se reconhece ao primeiro exame exterior pelo equilibrio perfeito, pela harmonia das linhas, pela distribuição justificada dos adornos e se distingue interiormente pela sabia e racional noção do conforto, da commodidade, da hygiene e do regimen domestico. Incapaz de sacrificar o util ao bello, sabendo evitar todo o conflicto entre o bom senso e a esthetica, encontrando sempre a formula superior que condensa a utilidade indispensavel e a necessaria belleza, a esse inimigo irreconciliavel da complicação, do inverosimil e do arrebique se deve, indiscutivelmente, o modelo superior da moderna habitação em Portugal, como á sua arte inspirada ficamos devendo, na phrase justa do sr. Ramalho Ortigão, a mais notavel obra architectonica do seculo.

Monumentos e Santuario de peregrinações, Monte de Santa Luzia em Vianna do Castello